

JOÃO PINTO & TERESA CARDOSO

jppinto@lead.uab.pt; teresa.cardoso@uab.pt

LE@D, LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E
ELEARNING, UNIVERSIDADE ABERTA, PORTUGAL

"REVIVER NA REDE": UM PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL

RESUMO

Este texto constitui uma reflexão sobre a participação nas redes sociais online, o que pode determinar o acesso ao conhecimento e à reconfiguração de processos relacionais. Tal participação traz grandes desafios, mas também oportunidades – de aprender e evoluir, para melhor respondermos às nossas necessidades pessoais ou profissionais. Assim, consideramos que é essencial considerar novos caminhos para as aprendizagens, diferentes e inovadores, que respondam às necessidades mais imediatas dos indivíduos, nomeadamente no que concerne a sua empregabilidade. Como caso prático apresentamos o projeto "Reviver na Rede", cujo objetivo é apoiar na utilização do Facebook pessoas, em situação de desemprego, com vista à promoção da inclusão digital, da integração social e da empregabilidade, e reforçar novas formas de procura ativa de emprego. A sua missão é disponibilizar orientações para os desempregados utilizarem o Facebook de forma a construírem uma presença online vantajosa, melhorando a sua empregabilidade. Concluímos que o Facebook é uma ferramenta válida para a integração, socialização e procura ativa de emprego, ajudando a melhorar a empregabilidade. Constatámos ainda que são necessários novos conteúdos e metodologias educacionais, que promovam diferentes tipos de aprendizagens ao longo da vida, sobretudo, através das tecnologias e dos *media*, como são as redes sociais digitais.

PALAVRAS-CHAVE

aprendizagens informais; educação aberta e online; novas literacias;
Facebook

1. INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica fez emergir um novo paradigma social, descrito por Castells (2011) como “sociedade em rede”, alicerçado no poder

da informação. As pessoas que estão presentes numa rede, na qual participam, veem-se como cidadãos ativos, que contribuem para a inteligência coletiva, e não apenas como meros consumidores, passivos, de uma cultura criada pelos outros. No entanto, as redes sociais conferem poder às pessoas que aprendem como usá-las, e podem representar um perigo ou uma limitação para aquelas que não as sabem usar. É, pois, importante que todos os cidadãos possam desenvolver competências para transformar a informação, por exemplo a que circula precisamente nas redes sociais, em conhecimento e em novas competências, desenvolvendo também o gosto pela aprendizagem ao longo da vida.

Enquanto assistíamos a estas transformações, o Facebook emergiu de entre um conjunto de redes sociais digitais, adquirindo omnipresença e influência mundial, tendo vindo a posicionar-se como “uma rede de colaboração gigantesca” (Kirkpatrick, 2011, p. 340), incentivando as pessoas a utilizarem a internet com uma maior interatividade social. Segundo Kirkpatrick (2011), o Facebook está a mudar a forma como centenas de milhões de pessoas se inter-relacionam e partilham informação, dado poder aos indivíduos, possibilitando-lhes comunicar de forma mais eficiente.

Quanto ao problema do desemprego na atual sociedade, as principais dificuldades encontradas, além das de caráter financeiro, começam pelo distanciamento físico e podem chegar a situações de isolamento e à exclusão social. Para uma pessoa em situação de desemprego é fundamental continuar a criar e gerir as suas redes de sociabilidade, porque a “mobilização de recursos pessoais e relacionais” (Duarte, 1998, p. 302) é um fator importante para a reinserção profissional. Neste sentido, as redes sociais digitais oferecem novas oportunidades para a sociabilidade em situações de desemprego, contribuindo para contornar a distância física que passa a separar estas pessoas; permitem gerir e produzir novas interações sociais, o que pode contribuir para a integração social das pessoas em situação de desemprego, para combater o seu sentimento de isolamento e exclusão social, além de promover a inclusão digital e ainda novas formas de procura ativa de emprego e melhorar a sua empregabilidade.

Esta problemática originou a seguinte pergunta de partida: O que fazer para combater o afastamento, o isolamento e a exclusão social dos indivíduos desempregados? O projeto "REviver na Rede" surge como resposta a esta pergunta, tendo sido aplicado junto dos formandos do projeto de formação modular para adultos de uma escola profissional do Funchal.

Os estudos realizados na fase de diagnóstico do projeto indicaram que as redes sociais digitais tinham potencialidades para integrar uma

proposta de solução para aquela problemática e que o Facebook seria a melhor, uma vez que era a mais utilizada pelo público-alvo, tendo assim surgido a intenção de se criar aí um espaço, de apoio e partilha, como contributo para melhorar a procura ativa de emprego.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A nossa sociedade é constituída por indivíduos e instituições, com atuação em várias esferas quer a nível local como global, em última instância para promover a coexistência dos seus interesses em convergência com os seus pares na busca e potencialização da melhoria da qualidade de vida, nas suas dimensões social, política e económica.

Segundo Castells (2011), atualmente, vivemos num paradigma tecnológico caracterizado pela busca constante de ligações em rede, tornando-se num pilar proativo na construção de novas relações e conhecimentos. Assim, é possível afirmar que a tecnologia pode causar impactos no estilo de vida e no comportamento do indivíduo na sociedade, bem como nos seus hábitos. Estas transformações estão na origem do conceito de cibercultura, definido por Pierre Lévy como sendo um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17), constituindo um novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual (isto é, criada com a utilização dos meios informáticos).

A virtualização é, desta forma, uma consequência da nossa vivência numa sociedade em rede, globalizada, centrada no uso da informação e do conhecimento, e implica um processo contínuo de transformação da realidade, nomeadamente das relações físicas. Tal permite-nos “ser tudo aquilo que quisermos. Podemos redefinir completamente a nossa pessoa, se assim o desejarmos” (Turkle, 1997, p. 26). Esta ideia, da virtualização das nossas vidas sociais, é compatível com a esfera da nossa aprendizagem, que também está sujeita a uma nova configuração espaço-temporal, na qual são reconstruídos processos de funcionamento, recriadas novas formas de comunicação, se derrubam barreiras físicas e se implementam novas oportunidades de interação online. Para alguém que está à procura de emprego, será espectável que possa utilizar o poder desta virtualização para alcançar outras oportunidades.

A nossa participação nestas redes determina o acesso a novos conhecimentos e à reconfiguração de novos processos relacionais e sociais. Este cenário coloca grandes desafios a todos os agentes educativos, mas

também nos dá novas oportunidades de aprender e evoluir. É uma sociedade que nos disponibiliza novos modelos de ensino (nomeadamente o *e-learning*), novos formatos de conteúdos (multimédia e interativos), novas possibilidades de comunicação (síncrona e assíncrona), e que permite aos aprendentes o acesso ao conhecimento sem restrições espaciais ou temporais.

Dado que a tecnologia “afeta profundamente a nossa forma de trabalhar, colaborar, comunicar e continuar a progredir” (García et al., 2010, p. 4), os paradigmas da educação estão assim a mudar com novos modelos educativos a emergirem, privilegiado a aprendizagem mediada por modalidades online e por novas formas de distribuição do conhecimento. Neste sentido, a sociedade em rede está, progressivamente, a transformar os processos de aprendizagem ao longo da vida. Assim, com a integração das novas tecnologias na sociedade, nomeadamente com a utilização crescente das redes sociais digitais, torna-se essencial considerar novos espaços e caminhos para as aprendizagens, diferentes e inovadores.

Acreditamos que a própria sociedade também deve responder às novas formas de aprendizagem e necessidades educativas que a sua própria evolução criou. Neste sentido, ao concebermos este projeto, defendemos que a nossa atual sociedade deve ter a capacidade de equacionar e refletir sobre os novos caminhos para a educação e promover novos métodos de aprendizagem, ao longo da vida, com o objetivo de melhor responder às necessidades e às dificuldades que os indivíduos e os agentes educativos encontram no seu dia-a-dia.

O advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre estas mudanças, consideramos algumas fundamentais; as mais significativas, para a temática deste projeto, são a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelos computadores. É que “o ser humano é, antes de tudo um ser social” (Vermelho, Velho, Bonkovoski & Pirola, 2014, p. 186) e o ambiente digital, segundo estes autores, vem potencializar esta tendência e permitir “estender e ampliar o alcance das redes sociais tradicionais para tornar possíveis novas formas de sociabilidade” (Rheingold, 2012, p. 192).

A importância de vivermos em rede está espelhada na ideia de Gispert (1999), segundo a qual “o todo é mais que a soma das partes”, ou seja, um conjunto de seres humanos tem propriedades que não existem individualmente e que assim lhes permitem produzir coisas que antes não seria possível. Nesta linha, Milgram (1967) demonstrou, através do estudo “O problema do pequeno mundo”, que cada ser humano está ligado

a qualquer outro ser humano por um surpreendente pequeno número de pessoas. A utilização crescente de dispositivos móveis permite-nos experienciar uma internet móvel, independentemente do local ou do tempo. Cada vez mais vivemos num estado sempre ligados ou conectados, *always on*, em comunicação constante através das redes sociais. Esta nova conectividade “estimula a troca e a criação de conteúdos integrados e de interesse comum” (Santos & Petersen, 2014, p. 66).

A partir do momento em que a tecnologia passou a mediar as relações sociais e que o comum cidadão se tornou digital, as ligações entre os indivíduos encurtaram; cada um deles tornou-se um nó numa rede digital. Uns são nós com poucas ligações e outros são nós com inúmeras ligações, o que lhe atribui um maior valor social.

Para Lopes e Cunha (2011), cada pessoa tem o seu “valor social” nas redes em que participa, influenciando também as outras com as quais se relaciona. Assim, a presença que cada um tem na rede é um poderoso instrumento para o sucesso pessoal e profissional.

Mas as redes sociais digitais são complexas. E, saber os princípios pelos quais elas se organizam e funcionam, confere-nos poder no acesso ao conhecimento e permite-nos integrar uma cultura participativa online, onde a colaboração se torna expoente máximo. Cada um de nós não deve esquecer que a maneira como usamos as redes sociais influencia a forma como os outros nos conhecem, por isso é importante “trabalhar o pequeno mundo das redes para nossa vantagem” (Rheingold, 2012, p. 253).

As atuais redes sociais também permitem a expressão de pensamentos e emoções, sendo, por isso, pertinente aludir à literacia socioemocional. Esta envolve a “partilha de dados, emoções e conhecimentos formais com outras pessoas e a construção do conhecimento de forma colaborativa” (Eshet-Alkala, 2004, p. 102) em ambientes digitais. Tal implica competências complexas, tais como a capacidade de reflexão crítica, análise, maturidade e uma boa compreensão da informação recebida (Oliveira, 2015).

Por outro lado, alguns autores defendem a necessidade de assegurar a fluência tecnológica, conceito que “implica não apenas ser capaz de utilizar as ferramentas tecnológicas, mas também saber como construir coisas com significado com essas ferramentas” (Papert, 1997, p. 53). Desta forma, a fluência tecnológica é uma competência essencial para o indivíduo aprender a aprender e para impulsionar a sua aprendizagem ao longo da vida, e assim “conseguem-se expressar criativamente, reformular o conhecimento e sintetizar novas informações (...) para se adaptarem às mudanças e obter

novas informações para serem mais eficazes (...) [no] seu trabalho e vida pessoal" (Amiel & Amaral, 2013, p. 3).

A globalização da nossa sociedade torna o mundo cada vez mais pequeno e as pessoas vão ficando mais próximas umas das outras. O Facebook surge então como ferramenta fundamental porque o seu "modelo focaliza seres humanos reais" (Kirkpatrick, 2011, p. 356), permitindo às pessoas tomarem-se amigas e construírem relações, não só a partir de contextos de vida offline, mas também em ambientes online e a distância. Tornou-se um gigantesco e global "palco social virtual" (Correia & Moreira, 2014, p. 172), no qual se promovem comportamentos e novas possibilidades de interação. Deste modo, a globalização não significa ser amigo de todos, mas de certa forma significa "que se está aberto a mais pessoas em muitos mais contextos do que aqueles que existiam anteriormente" (Correia & Moreira, 2014, p. 172).

Steinfeld, Ellison e Lampe (2008) defendem que o Facebook é usado para manter ou intensificar relações caracterizadas por alguma forma de ligação offline, contribuindo assim para tornar laços latentes em laços fracos, através da informação que disponibiliza e a facilidade de interação, a qual pode motivar o contacto que não existiria de outra forma. Já Amante (2014, p. 33) observa que é importante para "perdurar o capital social, funcionando como forma de manter contactos que de outro modo se perderiam", o que é especialmente importante para aqueles que têm dificuldades em criar e manter um número grande e heterogéneo de contactos na vida real, uma importante fonte para o referido capital social.

As redes sociais permitem-nos a gestão destes contactos, não só com os amigos mais próximos, como com as pessoas que nos são apenas conhecidas. Lopes e Cunha (2011) referem que as pessoas que consideramos apenas conhecidas (os laços fracos) desempenham um papel fundamental para a procura de emprego, mais do que os amigos mais próximos (os laços fortes). Assim, a mobilização destas relações é um fator importante para a procura ativa de emprego e é uma atividade que pode ser facilitada pelas redes sociais digitais.

Portanto, as pessoas estão a tomar consciência de que precisam de aproveitar melhor o que a internet lhes pode oferecer a nível profissional e "é evidente que as redes sociais estão a mudar a forma como (...) procuram trabalho" (Kelly Global Workforce Index, 2011, p. 2), sendo o Facebook referenciado como a "mais popular rede social para encontrar trabalho" (Kelly Global Workforce Index, 2011, p. 2) para todas as gerações. Já se torna comum as empresas e os recrutadores publicarem os seus anúncios

de ofertas de emprego no Facebook, os quais são partilhados pelos seus seguidores, atingindo assim uma audiência superior à dos meios de comunicação tradicionais, tornando-se um meio válido e prático para a procura ativa de emprego.

Em suma, e como proposta de sistematização da moldura teórica do nosso projeto, apresentamos, na Figura 1, um mapa conceptual das temáticas analisadas, no qual retomamos que a sociabilidade, a integração social e a procura ativa de emprego se podem relacionar diretamente com as redes sociais, a educação e o Facebook. No âmbito do desenvolvimento do projeto REviver na Rede¹, que a seguir se apresenta, temos vindo a refletir sobre estes referenciais, a partir dos quais sustentamos que as redes sociais são ferramentas válidas para a inclusão digital, designadamente o Facebook, promovendo aprendizagens informais ao longo da vida, quer em contextos de requalificação como de desenvolvimento pessoal, maioritariamente porque possibilita interações em rede.



Figura 1: Contextualização teórica
Fonte: Adaptado de Pinto (2016, p. 16)

3. O CASO PRÁTICO DO PROJETO "REvIVER NA REDE"

O projeto "REviver na Rede" constitui-se como uma plataforma online de apoio à utilização do Facebook para promover a socialização, a integração social dos desempregados e reforçar as novas formas de procura ativa de emprego. Nasceu em contexto académico e tem vindo a ser

¹ www.revivernarede.blogspot.pt

implementado na Região Autónoma da Madeira desde 2015. O principal objetivo do projeto é prestar apoio às pessoas em situação de desemprego na utilização do Facebook para se socializarem, evitando o isolamento e a autoexclusão social, além de promover novas formas de procura ativa de emprego. Para tal, pretende-se desenvolver literacias digitais, integrando as novas ferramentas na aquisição de competências digitais, como as promovidas pela e na utilização do Facebook, no quotidiano social deste tipo de população, numa lógica de inclusão digital. Visto que os conteúdos digitais disseminados nas redes sociais incorporam cada vez mais elementos como a imagem e o vídeo, está intrínseco à missão do "REviver na Rede" a promoção da alfabetização mediática para que cada pessoa desenvolva capacidades e competências para interpretar corretamente a informação que recebe através do Facebook.

Segundo os estudos de diagnóstico realizados no início do projeto, o Facebook é a rede social mais utilizada pelos desempregados da região e apresenta características que podem contribuir para a sua sociabilização e interação. Observámos que é muito utilizada para partilhar anúncios de emprego, funcionando como um "passa-a-palavra". Mas, em geral, os desempregados não a utilizam da forma mais correta, nem de modo consciente.

O projeto inclui três espaços online com diferentes objetivos: 1) website – espaço institucional e de suporte aos conteúdos de aprendizagem; 2) página no Facebook – para divulgação do projeto e dos conteúdos de aprendizagem; 3) grupo no Facebook – para interação entre o público-alvo.

Recorda-se que o objetivo principal é apoiar as pessoas em situação de desemprego a aproveitarem as potencialidades do Facebook para melhorarem os fatores inerentes à sua empregabilidade. Esta ferramenta social, associada à globalização, pode responder a estas necessidades e contribuir para o desenvolvimento das comunidades locais. O projeto tem um forte âmbito pedagógico, social e solidário, prevendo um trabalho voluntário da comunidade, numa lógica de empreendedorismo social, pretendendo ser um modelo de integração social e desenvolvimento pessoal, possível de ser replicado a outras realidades locais.

Neste sentido, também pode ser um fator de desenvolvimento local/regional, contribuindo para a competitividade local, dado que visa a capacitação das pessoas na utilização das novas formas de interação social online, valoriza o capital humano e aproxima a mão-de-obra e as empresas. Possibilita ainda às empresas e aos investidores, numa determinada região, de conhecerem e comunicarem mais facilmente com as pessoas que necessitam de recrutar.

A avaliação à atividade do projeto confirmou-o como uma solução para o problema identificado. Os espaços geridos no Facebook tornaram-se muito dinâmicos, registando-se muitos testemunhos de pessoas que conseguiram emprego através das partilhas de ofertas de emprego aí disponibilizadas. Identificaram-se ainda testemunhos de utilizadores/seguidores a declarar que estão mais conscientes das potencialidades do Facebook e que estão a utilizá-lo melhor, inclusive a nível pessoal.

Analisando o envolvimento das pessoas com os espaços online do projeto, atualmente, a página no Facebook conta com 21.431 seguidores, o grupo do Facebook tem 27.697 membros e o website conta com 44.495 acessos, sendo que 16.467 são visitantes que regressam. Para compreender melhor a grandeza do número de membros do Grupo REviver na Rede referimos que existem, aproximadamente, 12.200 pessoas² desempregadas na Madeira (logo, podemos afirmar que o universo da população-alvo é menor do que os membros do grupo), e que a população da região é de 254.876 pessoas³ (portanto, os membros do grupo representam cerca de 11% desta população).

Por outro lado, muitos empresários e recrutadores utilizam, regularmente, os espaços do projeto para divulgar as suas ofertas de emprego, sendo que muitos deles nos solicitam apoio para a elaboração dos seus anúncios, com o objetivo de melhorarem a capacidade de alcance na divulgação das suas necessidades de recrutamento. Isto evidencia uma contribuição para aproximar a procura e a oferta de emprego. Assim, o projeto tem demonstrado ser uma iniciativa importante, criando vínculos entre os participantes em termos colaborativos e de esperança comum nas oportunidades laborais.

A participação em eventos de caráter científico, programas de televisão e concursos também é um testemunho da importância do projeto e de como pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e Regional, além de se tornar um campo de reflexão e investigação. Destacamos, ainda, algumas distinções nacionais e internacionais com as quais fomos agraciados, em várias iniciativas de relevância: "Born from Knowledge – Ideas 2016"⁴,

² Estimativa da população desempregada no 3.º Trimestre de 2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

³ Estimativa da população residente em 31-12-2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

⁴ "Born from Knowledge – Ideas": um concurso promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (www.bornfromknowledge.pt/ideas).

"Arrisca C 2016"⁵ (menção Honrosa do Prémio Social ao Centro), "WSIS Prizes"⁶ (nomeado em 2017, 2018 e 2019). Além disso, integra o relatório *WSIS Stocktaking*⁷, como uma boa prática e proposta válida para ser aplicada noutros países/regiões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada época histórica existe um conjunto de tecnologias que influenciam "o aparecimento de novas formas de estar e de ser" (Silva, 2001, p. 856). Na nossa época, as tecnologias trazem-nos os ambientes virtuais, nos quais podemos aceder à informação e estabelecer relações interpessoais e colaborativas. Neste ciberespaço, defende o autor, cada um "pode descobrir e construir os seus saberes de forma personalizada e partilhada" (Silva, 2001, p. 857), antevendo a inevitabilidade da relação entre redes sociais e educação que Pinto e Cardoso (2017, p. 88) reconhecem.

Como antes aludido, a (r)evolução tecnológica fez emergir uma "sociedade em rede" (Castells, 2011) mediada pela tecnologia, em que a crescente utilização das redes sociais digitais potencia a capacidade de o indivíduo se realizar como ser social, estimulando novas formas de aprendizagem, em rede, e segundo novos estilos de vida, online. Na era da globalização, estar online e pertencer a um ou outro grupo não está tão dependente de variáveis geográficas, físicas ou etárias, mas mais dos interesses e objetivos de cada pessoa. As redes sociais, particularmente o Facebook, "têm vindo a constituir-se como um espaço alternativo, onde se fazem e reforçam amizades e que, como espaço social que são, dão igualmente lugar a processos de construção de identidade" (Amante, 2014, p. 35). Isto permite projetar a identidade de cada indivíduo para além do ambiente offline, sendo a mesma comprovada e validada pelos outros através do feedback que fazem às interações online.

⁵ O "Arrisca C" é um concurso promovido pela Universidade de Coimbra, que visa estimular o desenvolvimento de conceitos de negócio em torno dos quais se perspetive a criação de novas empresas, incluindo iniciativas de empreendedorismo social (www.uc.pt/gats/eventos_e_iniciativas/a_decorrer/arrisca_c).

⁶ O "WSIS Prizes" é um concurso internacional que visa reconhecer projetos com estratégias orientadas para o desenvolvimento local que utilizem o poder das tecnologias da informação e comunicação (TIC) como um facilitador do desenvolvimento. É promovido pela *World Summit on the Information Society*, evento que decorre na Suíça, e é promovido pelas Nações Unidas (www.itu.int/net/wsis).

⁷ O *WSIS Stocktaking* é um arquivo para partilhar as melhores práticas a nível global e reconhecer a excelência na implementação de projetos e iniciativas locais. É uma iniciativa liderada pela Agência das Nações Unidas para as tecnologias da informação e comunicação (www.itu.int/net4/wsis/stocktaking).

Como também antes aludido, o enquadramento do projeto "REviver na Rede" assume que os avanços tecnológicos modificaram a nossa sociedade, transformando o modo como se realizam as dinâmicas sociais. As redes sociais são agora digitais, exigindo novas competências e capacidades para integrar a sociedade. Mas o mercado de trabalho também requer novas atitudes e práticas por parte dos indivíduos. Neste cenário, a procura ativa de emprego ganhou novas ferramentas, propiciando outras oportunidades para fortalecer a empregabilidade.

A concretização do projeto tornou evidente que o Facebook tem potencialidades e é uma ferramenta válida para a integração, socialização e procura ativa de emprego, ajudando a melhorar a empregabilidade do indivíduo no contexto da sua região/comunidade.

Assim, e a concluir, reforçamos que o Facebook constitui um espaço de inclusão digital, com potencial para promover a socialização e a integração social, atenuando barreiras psicológicas existentes nos ambientes físicos.

REFERÊNCIAS

- Amante, L. (2014). Facebook e novas sociabilidades - contributos da investigação. In C. Porto & E. Santos (Eds.), *Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar* (pp. 27-46). Brasil: Editora da Universidade Estadual da Paraíba. Retirado de <http://books.scielo.org/id/c3h5q>
- Amiel, T. & Amaral, S. F. (2013). Nativos e Imigrantes: Questionando o conceito de fluência tecnológica docente. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 21(3), 1-11. <http://doi.org/10.5753/rbie.2013.21.03.1>
- Castells, M. (2011). *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Correia, P. M. & Moreira, M. F. (2014). Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. *Revista Alceu*, 28, 168-187.
- Duarte, A. M. (1998). Vivências de desemprego e transformação dos modos de vida dos operários mineiros. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 8, 247-317. Retirado de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2574>
- Eshet-Alkala, Y. (2004). Digital Literacy: A Conceptual Framework for Survival. *Journal of Educational Multimedia and Hypermedia*, 13(1), 93-106. Retirado de http://www.openu.ac.il/Personal_sites/download/Digital-literacy2004-JEMH.pdf

- García, I., Peña-López, I., Johnson, L., Smith, R., Levine, A. & Haywood, K. (2010). *Relatório Horizon: Edição Ibero-americana 2010*. Austin, TX: New Media Consortium e Universitat Oberta de Catalunya. Retirado de <https://www.nmc.org/publication/nmc-horizon-report-2010-edicion-iberoamericana/>
- Gisbert, C. (1999). *Enciclopédia de Psicologia*. Lisboa: Oceano - Liarte.
- Kelly Global Workforce Index. (2011). *Kelly Services*. Retirado de http://www.kellyservices.pt/uploadedFiles/Portugal_-_Kelly_Services/4-Resource_Center/Imprensa/As%20redes%20sociais%20est%C3%A3o%20a%20alterar%20a%20forma%20como%20os%20portugueses%20procuram%20emprego.pdf
- Kirkpatrick, D. (2011). *O Efeito Facebook - A história da empresa que está a mudar o mundo*. Lisboa: Arcádia.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Brasil, São Paulo: Editora 34.
- Lopes, M. P. & Cunha, M. P. (2011). *O Mundo é Pequeno - O que podemos aprender sobre Networking e as Redes Sociais*. Lisboa: Actual Editora.
- Milgram, S. (1967). The Small World Problem. *Psychology Today*, 1(1), 61-67. Retirado de <http://snap.stanford.edu/class/cs224w-readings/milgram67smallworld.pdf>
- Oliveira, A. C. (2015). Literacia em Internet para Blogs. *Revista Advérbio*, 10, 3-17. Retirado de http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs/index.php/RA/article/viewFile/140/pdf_44
- Papert, S. (1997). *A Família em Rede - Ultrapassando a fronteira digital entre gerações*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Pinto, J. (2016). *Formação aberta e online, redes sociais e inclusão digital: o projeto REviver na Rede*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.2/6930>
- Pinto, J. & Cardoso, T. (2017). Redes Sociais e Educação Aberta: Que relação? In P. L. Torres (Ed.), *Redes e Mídias Sociais* (pp. 75-92). Curitiba: Appris Editora.
- Rheingold, H. (2012). *Net Smart - How to Thrive Online*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Santos, F. D. & Petersen, C. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 63-78. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>

- Silva, B. D. (2001). A tecnologia é uma estratégia. In P. Dias & C. Varela de Freitas (Eds.), *Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação* (pp. 839-859). Braga: Universidade do Minho, Centro de Competência do Projecto Nónio Século XXI. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17940>
- Steinfeld, C., Ellison, N. & Lampe, C. (2008). Social capital, self-esteem, and use of online social network sites: A longitudinal analysis. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 29, 434-445. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2008.07.002>
- Turkle, S. (1997). *A vida no ecrã*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Vermelho, S. C., Velho, A. P., Bonkovoski, A. & Pirola, A. (2014). Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Revista Educação & Sociedade*, 35(126), 179-196. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>

Citação:

Pinto, J. & Cardoso, T. (2019). "REviver na Rede": um projeto de inclusão digital. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 312-324). Braga: CECS.